



Director, proprietario e administrador—José da Silva Vieira  
 Composto e impresso na **Typographia Espozendense**—ESPOZENDE  
 Editor—Maçnel Gomes da Costa Freitas

N.º 386

24 de Setembro de 1914.

ANNO 8

Assignatura  
 Anno, sem estampilha 1\$200 rs. S Com estampilha 1\$360 rs.  
 Numero avulso 40 rs. S Brazil, (m. forté) 2\$500 rs.

SEMANARIO REPUBLICANO EVOLUCIONISTA—  
 DEFENSOR DOS INTERESSES DESTA CONCELHO  
 FUNDAÇÃO D'ESTE JORNAL  
 1886

Annuncios  
 Linha, ou espaço de linha a 40 reis S Comunicados ou reclames (secções) 6 rs  
 Os assignantes tem 25 1/2 de desconto. S Imposto do sello (cada publicação) 10 rs  
 Annunciam-se todas as obras literarias ou scientificas das quaes nos envie um exemplar.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA VEIGA BEIRÃO—ESPOZENDE

## FUNCIONALISMO

Bem; deixemos por hoje a guerra e voltemos aos empregados publicos, pois que a isso nos obrigam. Aqui estão cartas e bilhetes postaes em boa quantidade e com observações preciosas. Sobre aquelle funcionario que ha dias se queixou de gastar tres centavos no sello do recibo do seu vencimento, diz-me outro: *V. tem presente a lei do sello? Diz ella que de cincoenta a cem mil reis paga 0\$03. Veja que miseria mensal que elle recebe! Eu assigno o recibo do meu vencimento sobre um sello de 2 centavos e contente como um cuco! Pudera! Sempre recebe mais do que eu. Em todo o caso, muito bom proveito!*

Outro funcionario, de Santo Tirso, discorda das minhas considerações e justifica-se dizendo que um empregado para chegar a exercer um bom logar tem de trabalhar muitos annos, desde a sua infancia, e principalmente quando estudante. Não sabia. Sempre pensei, na minha innocencia, que para obter um bom emprego o que principalmente se exige é um bom empenho. Veja a grande maioria dos meus correligionarios. Lá estão empregados e defendendo o regimen com uma convicção profundissima. Porque se empregaram? Por terem trabalhado desde a infancia mais do que eu? Não senhor; mas por terem conseguido melhores empenhos.

Se, porém, me dão licença, ponho, de parte toda a correspondencia, e dou principalmente cabida ás admiraveis informações que sobre funcionarios acabo de obter de um concelho proximo do Porto, onde os funcionarios são como mósca, e estão todos nas condições que passo a enumerar:

Um juiz de direito. Não trabalha. Para esse ingrato dever dispõe de um substituto.

Um delegado. Segue o exemplo do juiz e tem do mesmo modo um substituto.

Um conservador. Abunda nas ideias dos oradores precedentes e confia no seu ajudante.

Mas ao ajudante repugna deslustrar o sistema e tem um substituto. E' este afinal quem faz o serviço.

Um chefe do registo civil. Tem tambem um ajudante e dois pequenos funcionarios. São estes os chefes do expediente.

Um escrivão de direito. Tem ajudantes.

Outro escrivão do mesmo direito. Tem tambem ajudantes.

Ainda outro escrivão. Não tem ajudantes, trabalha só e chega-lhe o tempo que aos dois anteriores e escasseja.

Um tesoureiro de finanças. Não faz nada, nem precisa: tem um proposto.

Um secretario das sobreditas finanças. Como a vida são dois dias, contenta-se com seis ajudantes.

Um secretario da camara. Não é grande o seu serviço. Mas o que é, dois ajudantes ninguem lho tira.

Um secretario da administração. Tem nada menos de cinco auxiliares.

Um delegado de marinha. Sem serviço, ou quasi. Tem um ajudante.

Dois notarios. Ganham excellentemente. Mas incumbem o serviço aos seus empregados.

Emfim, dizia o meu informador: o administrador que nada faz, ganha; o sub-delegado de saude que não trabalha, ganha; o medico municipal que não faz clinica nas aldeias ganha, como se a fizesse; e por ultimo o contador que tem que fazer, é o unico —*ó avis rara!*—que não tem ajudante.

Que me diz a isto o meu irmão em Cristo contribuinte? Que sou um despetado, não é verdade? O que me faz falar é a inveja, não é assim? Pois claro! Por isso cá vou parodiando o Hamlet: Comer, ou ser comido—eis a questão!

Guedes de Oliveira.  
 (Da «Tribuna Livre», do Primeiro de Janeiro, de 4.ª-feira penultima, de 16 do corrente.)

Novidade litteraria:  
**LONGES**  
 VERSOS  
 por  
**ALVARO PINHEIRO**

## NECROLOGIA DR. RODRIGO VELLOSO

O Dr. Rodrigo Augusto Cerqueira Velloso nasceu em Ponte da Barca em 4 de fevereiro de 1839, e falleceu n'um quarto particular do hospital de S. José em 24 de Junho de 1913. Era filho do dr. José Bernardino Mendes Velloso, que foi juiz de direito de segunda instancia com exercicio na Relação do Porto. Formou-se em direito na Universidade de Coimbra em 1864, e entrou no jornalismo escrevendo artigos e folhetins para o «Bracarense», «Aurora do Lima», «Barcelense» e «Echo de Barcellos», e foi um dos redactores do «Minho», jornal semanal publicado em Coimbra em 1862 por alguns academicos naturais daquela provincia.



Em 1860 fundou um quinzenario intitulado «O Phosphoro» e em 1861 fundou o semanario «O Tira-Teimas», ambos literarios, criticos e noticiosos, publicados em Coimbra e de vida pouco duradoura. Publicou ainda outro hebdomadario intitulado «Atilla», em que colaboraram, como naquelles dois, muitos dos mais talentosos academicos que então frequentavam a Universidade.

Casando-se em Barcellos, ali ficou a sua residencia e se consagrou á advocacia, exercendo tambem por quatro vezes o cargo de administrador do concelho.

Em fevereiro de 1868 assumiu a direcção do semanario «A Aurora do Cavado», que tinha sido fundado em agosto de 1867 por Manuel Guilherme de Azevedo, o «Queixadas», criado, durante anos, da «republica» em que o dr. Rodrigo Velloso viveira em Coimbra e que quizera acompanhá-lo para Barcellos, jornal que durou mais de quarenta anos e que acabou só tempos depois de o dr. Rodrigo Velloso ter sido despachado para Lisboa como notario, (1898), publicando-se ainda alguns numeros naquela cidade, em formato muito mais reduzido que o primitivo e sensivelmente melhorado tanto artisticamente como literariamente.

Da obra do dr. Rodrigo Velloso, que é muito numerosa, citaremos: «Folhas ao vento» (1863), dividido em tres partes: «Scenas academicas», «O ultramontanismo na instrução publica em Portugal» e «A instrução publica em dois capitulos»; uma edição do «Reino da estupidez», de Francisco de Mello Franco (1868); outra do «Hyssope», de Diniz (1876), com notas muito curiosas que lhe foram fornecidas em grande parte pelo dr. Augusto Filipe Simões e aproveitadas para uma edição posterior feita pela casa Castro & Irmão, de Lisboa, outra da «Agostinheira», de Pato Moniz; outra da «Benteida», de Alexandre Antonio de Lima; e outra ainda da «Miscellanea historico-romantica» de Antonio Francisco Barata (1878), para a qual escreveu uma introdução.

Tambem fez edição das seguintes obras: «A malhada», poema heroico-comico em cinco cantos, de Anacleto da Silva Moraes (1884); «Oração funebre nas exequias do ex.º sr. D. Papagaio do Monte Carmello», pelo P. M. Fr. Macho da Costa (o padre Braz da Costa) (1884); «Paraphrase da sequencia dos defunctos», pelo p.º mestre Francisco de Santo Ignacio Carvalho (1884); «Viagem na minha livraria» e «Infantes portugueses», por Antonio Francisco Barata (1894), com breves introduções do dr. Rodrigo Velloso; «A Manoclea», poema de frei Simão Antonio de Santa Catharina, acompanhado de numerosas notas (1894), etc., etc.

Traduziu: «A sciencia do bom homem Ricardo» e «Miscellanea de moral e economia», de Benjamin Franklin (1894); e «A minha confissão», do principe de Talleyrand (1894).

Fez ainda edições de poesias pouco conhecidas de João de Deus, acompanhadas de notas curiosas, de poesias de Anthero do Quental, tambem pouco conhecidas e de trabalhos em prosa tambem do mesmo autor, de versos, de Guilherme Braga igualmente pouco conhecidos, e de composições tambem poeticas de Francisco Bastos, poeta brasileiro falecido em 1895, Antonio Feliciano de Castilho, Gonçalves Crespo, Hamilton de Araujo, etc.

Além dos jornais citados, o dr. Rodrigo Velloso, colaborou em outros, politicos e literarios, tanto de Lisboa como da provincia.

O sr. dr. Rodrigo Velloso, que era um antigo republicano e gosava da estima e consideração de todos os seus colegas no fóro e no notariado, era casado com a sr.ª D. Suzana Julia de Villas Boas Sarmiento Velloso, tendo cinco filhos maiores. Em cartas deixadas á familia pedia a esta, que não usasse luta pela sua morte, que não fizesse convites para o funeral, o qual deveria ser modesto.

ção publica em Portugal» e «A instrução publica em dois capitulos»; uma edição do «Reino da estupidez», de Francisco de Mello Franco (1868); outra do «Hyssope», de Diniz (1876), com notas muito curiosas que lhe foram fornecidas em grande parte pelo dr. Augusto Filipe Simões e aproveitadas para uma edição posterior feita pela casa Castro & Irmão, de Lisboa, outra da «Agostinheira», de Pato Moniz; outra da «Benteida», de Alexandre Antonio de Lima; e outra ainda da «Miscellanea historico-romantica» de Antonio Francisco Barata (1878), para a qual escreveu uma introdução.

Tambem fez edição das seguintes obras: «A malhada», poema heroico-comico em cinco cantos, de Anacleto da Silva Moraes (1884); «Oração funebre nas exequias do ex.º sr. D. Papagaio do Monte Carmello», pelo P. M. Fr. Macho da Costa (o padre Braz da Costa) (1884); «Paraphrase da sequencia dos defunctos», pelo p.º mestre Francisco de Santo Ignacio Carvalho (1884); «Viagem na minha livraria» e «Infantes portugueses», por Antonio Francisco Barata (1894), com breves introduções do dr. Rodrigo Velloso; «A Manoclea», poema de frei Simão Antonio de Santa Catharina, acompanhado de numerosas notas (1894), etc., etc.

Traduziu: «A sciencia do bom homem Ricardo» e «Miscellanea de moral e economia», de Benjamin Franklin (1894); e «A minha confissão», do principe de Talleyrand (1894).

Fez ainda edições de poesias pouco conhecidas de João de Deus, acompanhadas de notas curiosas, de poesias de Anthero do Quental, tambem pouco conhecidas e de trabalhos em prosa tambem do mesmo autor, de versos, de Guilherme Braga igualmente pouco conhecidos, e de composições tambem poeticas de Francisco Bastos, poeta brasileiro falecido em 1895, Antonio Feliciano de Castilho, Gonçalves Crespo, Hamilton de Araujo, etc.

Além dos jornais citados, o dr. Rodrigo Velloso, colaborou em outros, politicos e literarios, tanto de Lisboa como da provincia.

O sr. dr. Rodrigo Velloso, que era um antigo republicano e gosava da estima e consideração de todos os seus colegas no fóro e no notariado, era casado com a sr.ª D. Suzana Julia de Villas Boas Sarmiento Velloso, tendo cinco filhos maiores. Em cartas deixadas á familia pedia a esta, que não usasse luta pela sua morte, que não fizesse convites para o funeral, o qual deveria ser modesto.

## CAVALOS DE FÃO

No invencivel «Espozendense», nesta infinda propaganda dos Cavalos de Fão, lemos que s. ex.ª José Cicilio da Costa, general inspector dos serviços fluviaes, e Henrique de Carvalho Assumpção, director dos serviços fluviaes e maritimos do Porto, vieram em comissão de estudo aos Cavalos de Fão, para porto de abrigo-comercial do norte do paiz, fazendo-se transportar no barco «salva-vidas», que não podendo vencer o mar da barra de Espozende, retrocedeu, retirando os illustres cavalheiros para o Porto sem visitar os Cavalos.

O facto deste barco não poder galgar o mar comprova á evidencia quão enxada mente agiram aqueles que o afastaram da praia, junto aos Cavalos, para Espozende. Aqui este barco está engarrafado, no ensejo de mar alto, em que os naufragios são mais frequentes e o seu socorro reclamado. Dado este erro gravissimo outro recurso não temos que não seja o desvio da foz do rio Cavado para a espaçosa bacia dos Cavalos. Esta empreza torna-se facilissima, por quanto, pouco mais do sulco de charrua, na direcção dos Cavalos será assaz sufficiente, deixando ás proximas cheias o restante do trabalho.

A ex.ª Camara de Espozende podia e devia preocupar-se com esta tarefa, convidando os seus muncipes a uma gratuita contribuição de trabalho que sorridente aceitariam. O Instituto de Socorros a Naufragos e bem assim a Associação Commercial devem auxiliar a ex.ª Camara.

E quando sejam necessarios quaesquer recursos monetarios, estas illustres colectividades estão em pleno direito de reclamá-los a Braga, pois que esta cidade, desde 1795 cobra uns tantos por cento, sobre as contribuições do Estado, de todos os concelhos banhados pelo rio Cavado, cujos povos a isso se ofereceram, para me-

**Notas de 5\$000 reis**  
 Dentro de poucos dias devem ser postas em circulação novas notas de 5\$000 reis. São as primeiras que a Republica emite, trazem a representação do valor segundo a reforma monetaria e são ornamentadas com o retrato de Alexandre Herculano.

lhoramentos da barra e canalisação deste rio.

Esta contribuição inda hoje se paga. Por conseguinte urge indicar-se que Braga não consuma este dinheiro em melhoramentos exclusivamente seus, anti-económicos e financeiros!... Questões de luxo!

Se Braga curasse melhor dos interesses do Distrito, seria ella a primeira a representá-lo a favor do porto de abrigo comercial dos *Cavallos de Fão*; mas até ao presente não despertou da sua inercia. Este criminoso silencio de Braga dava margem a largos e pezados comentarios, por relegar ao ostracismo o seu unico porto de mar, exhibindo assim desconhecer a importancia relativa de um porto de mar. Para amostra diremos que Braga distando dos *Cavallos de Fão* 35 kilometros e do Porto 54, ganharia 380 reis em cada tonelada nas mercadorias transportadas dos *Cavallos de Fão* sobre Leixões, e ganharia quasi 1 hora no tempo empregado no transporte.

Neste criminoso sentido culpamos igualmente Barcelos, que dista dos *Cavallos de Fão* 15 kilometros e do Porto 51. Se Barcelos abrisse os olhos e mirasse melhor os seus interesses viciaes, descobriria a excessiva economia no transporte de suas mercadorias do porto dos *Cavallos de Fão* sobre Leixões. E assim a exportação de seus artefactos.

Talvez nos observem que não ha dinheiro para esta importantissima obra. Mas ha o para se infundir perdularia e escandalosamente em Leixões?!

Se Braga e Barcelos desejarem conhecer a importancia que lhes adveio, em tempo, do porto de Espozende, pondo de parte o porto dos *Cavallos* incommensuravelmente superior, leiam a historia de 1578, em que D. Sebastião elevou Espozende á categoria de villa, e nela podem ler, que neste porto de Espozende entravam navios de alto bordo que faziam viagens de longo curso, que no logar havia consideravel numero de homens do mar que se empregavam no serviço da navegação em *setenta a oitenta* navios grandes matriculados neste porto.

Por aqui podem os descrentes convencerem-se aproximadamente da profundidade do rio Cavado não levando em linha de conta que já nessa epoca se dizia que o rio estava assoreado.

Não andaremos longe da verdade se aventarmos que os povos do alto norte são uns *pobres de espirito*; e por isso pacientemente envergam todas as *cazacas* que os governos lhes quizer vestir.

Terminamos notificando ao publico, que o caminho mais curto e comodo para os *Cavallos de Fão*, não é pela barra de Espozende; mas sim pela estrada do mar que parte de Fão e finda no local dos *Cavallos*. Aqui existem barcos da pescaria que devidamente preparados se prestam a contornar a espaçosa e bela bacia dos *Cavallos*. Daqui, mesmo da praia se pode admirar as

belezas naturaes dos *Cavallos de Fão*.

Chaves Coupon

## FRASES FEITAS

### Calado como um pêto

Este ditado minhoto equivalente ao *calado como um rato* do centro do país (Lisboa) e *calado como uma cobra*, do Brasil, formou-se pela necessidade popular de dar intensidade ao participio de *calar* no sentido de «guardar silencio».

O sentido do verbo não se coaduna porém em absoluto com a comparação e o sr. João Ribeiro opina por que o simile venha do silencio com que as cobras agridem ou se defendem dos que as atacam, citando o *Eclesiastes* no ponto que começa: *Si mordeat Serpens in silentio...* para mostrar que elas se comparam aos caluniadores.

Notemos porém que neste, como em outros casos semelhantes, o verbo *calar* apresenta um significado duplo, dando á frase um sentido ambiguo.

*Calar* significou antigamente «aprofundar, fender, abrir, penetrar» e ainda hoje em alguns casos assim é tomado, como: o «*calado dos navios*» que é a parte submersa, occulta; «*calar o melão*»; a chuva *calou a terra*; etc. (1)

Desta acepção de «aprofundar e penetrar» derivou-se extensivamente o sentido de «ocultar, esconder» que aparece na frase truncada: *nabos em sacco*, para indicar «manigâncias ou tramoias occultas», sentido extrahido de qualquer facécia ou historietta, caso vulgarissimo. O ditado completo é *calado como nabos em sacco* e assim vem no *Anatomico Jocosos*, na Novela Disparatória:

«só um mudo a tudo guarda silencio: tambem é razão que eu o tenha; assim me calo como nabo em sacco.»

A' mesma historietta se ligará a frase: *tirar nabos da púcara* para indicar as artimanhas de que se servem aqueles que desejam conhecer um segredo ou coisa occulta. Para castigar o indiscreto «*calaram os nabos no sacco*».

Adeante.

Nas frases: *calado como um pêto, como um rato* ou *como uma cobra*, o verbo, aparentando o sentido de «guardar silencio» tem realmente o de «ocultar, esconder» e assim se comprehende que, para a comparação, dentro da frase, o participio signifique «oculto», mas a frase em si exprima apenas a intensidade do sentido de «silencio».

Estas locuções equivoças ou ambigüas não são raras no gosto popular. Cf. os provérbios: *A mulher e o melão calado é o melhor. Mais vale um gosto que quatro vintens*, etc.

Algumas mais, muito curiosas se encontram no belo livro do sr. João Ribeiro.

Oscar de Pratt.

(1) Em Bernárdez: «vestidos calados pela chuva». Cito de memória.

## Revista do Minho

O estudo das tradições populares, tão interessante, tão variado e tão util,—em que pese aos espiritos que se dizem práticos—não logra no nosso país a atenção cuidadosa e devotada de mais de uma dúzia de dedicados investigadores que, no meio da indiferença e da ironia destruidora da grande massa, vão recolhendo amoravelmente as superstições, os costumes, os cultos, as trovas, os risos e as lágrimas, o sonho, o amor e a vida do povo em todas as suas variadas manifestações.

Tudo o observador pesquisa, pacientemente, toda a etnografia de uma raça de tal modo aferrada ás suas tradições que, um, dois mil anos volvidos, no fundo de uma aldeia ignorada e humilde, ao canto da lareira de uma casinha palhaça, oferece ainda ao espirito eleito do investigador a imagem mumificada de um rito pagão que atravessou incólume a fiada dos séculos sob o camartelo demolidor das civilizações.

Nas superstições, nos costumes, nos cantos, nos jogos, em todas as tradições conservadas religiosamente, de geração em geração, na alma de um povo, encontra o investigador elementos valiosos que auxiliam e documentam o estudo das idades, a evolução das religiões, a deslocação das raças e a influencia e predomínio das invasões.

O povo conserva nos seus costumes estranhos que a civilização não derrue, remotas evocações de um passado diluido no pó dos séculos, trazendo até nós, á luz clara de uma civilização adeantada o espectro das épocas primitivas.

Ha nesses usos e costumes de uma tão terna identificação com a Natureza documentos históricos tão antigos no dizer de Gaidoz, como os velhos textos gregos ou como as lendas da India. Um simples cantar, uma singela costumeira evoca ás vezes cultos remotissimos.

Portugal é um dos países em que a análise das tradições populares oferece mais variado, mais interessante e mais compensador aspecto, mas tambem é o que menos atenção liga a estes estudos, tão uteis ao seu opulento *folclore*.

As raras revistas da especialidade fundadas por alguns pacientes e desinteressados estudiosos, atrofiam-se no meio da indiferença e da ironia nacionais. Pode-se dizer que só á custa de muito amor e de muita abnegação essas revistas subsistem, logrando apenas a atenção dos poucos demopsichólogos.

Aqui tenho eu á vista os ultimos fasciculos do vol. XIX (!) da *Revista do Minho* um interessante e farto repositório das tradições populares portuguesas. Dirige-a um dos raros e desinteressados investigadores dos costumes do povo, o sr. José da Silva Vieira, de Espozende.

É um exemplo de tenacidade e de perseverança o sr. Silva Vieira. O seu amor e a sua dedicação pelo *folclore* levam-no até o sacrificio, sustentando uma publicação que só lhe dá prejuizo,—mal ajudado e pior comprehendido. Tem editado numerosas publicações folclóricas, em livros e folhétos que raras leem porque raros sabem medir o seu valor.

Na *Revista do Minho* teem deixado o seu nome homens de incontestavel superioridade intelectual como o dr. Leite de Vasconcellos, Tomas Pires, etc., mas nem assim a útil publicação interessa o espirito nacional.

Nos fasciculos que aqui tenho agora, concluí o sr. Tomás Pires uma interessante miscelânea de modas, cantares, costumes e superstições de varias regiões, apresentando assim mais uma contribuição, a juntar ás muitas que nos tem oferecido, para um estudo demorado das tradições populares portuguesas.

É muito interessante tambem o «*Onomastico* popular elvense» que não vem assinado mas que representa mais uma contribuição do sr. Tomás Pires. O *Folk-lóre minhoto* apresenta variantes proverbios muito curiosos para o estudo das frases feitas.

A pag. 100, fecha em 1.006 o numero de quadras populares minhotas recolhidas pacientemente pelo sr. Silva Vieira que é um collector muito apreciavel e inteligente.

Vai pois entrar no seu XX ano a *Revista do Minho*. Não lhes festejaram as gazetas os seus 19 anos, que passaram propositadamente ignorados como todas as coisas úteis da nossa terra, mas festeje-os eu, saudando Silva Vieira, espirito perseverante, trabalhador honesto e inteligente.

Oscar de Pratt.

(Da «*Vida Nova*», de Viana do Castello.)

## Incendios

Todos os dias os jornaes de Lisboa, Porto e provincias registam factos importantes referentes a grandes sinistros causados por incendios.

Ardeu ultimamente o nosso melhor theatro da capital, «O Republicano», calculando-se o prejuizo em mais de trezentos contos.

Os jornaes são concordes em que os soccorros para a extincção desse incendio foram muito morosos e que os corpos de salvagão da capital estão fazendo um serviço pessimo que não corresponde á enormidade de contos de reis que o paiz dispende com essas corporações.

Em Fafe ardeu ha dias o predio onde estava estabelecido o café Figurião, sendo os prejuizos avaliados em mais de 2:000\$000 de reis.

É um terrivel inimigo este de que ninguem está isento por mais cauteloso que seja.

Quando será que nesta villa se organisa uma corporação ou pessoal que, quando um destes sinistros nos invadir haja com alguma experiencia alquem que possa atacar esse terrivel flagello com o material que para tal fim possuímos?

Parece incrível que até hoje ainda não tenha acordado do pesado somno da indiferença essa commissão de cavalheiros que em reunião publica foi nomeada para proceder á constituição do pessoal que havia de formar o corpo de salvagão publica?

Acordem os cavalheiros que compõem esta commissão e deem um signal de vida para o bem comum de todos os habitantes desta villa que não sabem se o dia de amanhã lhes trará por esse desleixo prejuizos e lagrimas, não queiram ser acusados de inertes e relaxados.

Voltaremos ao assumpto quando a nossa voz e não faça ouvir dessa commissão a quem nos referimos.

## Estradas

O deputado sr. dr. Joaquim José d'Oliveira solicitou com toda a insistencia do sr. ministro do fomento para que sejam dotadas as seguintes estradas, afim de beneficiar os respectivos povos, que se vem a braços com uma crise angustiosa: Districtal 18, que parte do Bom Jesus do Monte e termina na Portella da Sobreposta; districtal 12, que vae das Neves á Portella do Homem; nacional 3, ramal da Portella do Vade á ponte dos Corvos; conclusão da estrada da freguezia de S. Julião de Freixo, concelho de Ponté do Lima, a Barcellos, troço da ponte de Anhel a Freixo e classificaçáo da estrada municipal através da freguezia de Paço que liga a estrada do Porto a Monsão e Vianna do Castello a Castro Laboreiro.

Quando será que o nosso deputado se resolverá a pedir tam-

bem que sejam reparadas as estradas do nosso concelho que se acham em pessimo estado.

## Rendimento de caminhos de ferro

Desde janeiro até 2 do corrente, as linhas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes renderam menos reis 335:692\$ do que em igual periodo de 1913.

## Pagamento das contribuições em 4 prestações

É n'este mez que são apresentadas na secretaria de finanças as declarações para pagamento das contribuições em quatro prestações.

Esta redacção ceda a copia do requerimento, que deve ser em duplicado a quem quizer requerer.

É bom os industriaes requererem pois lhe será mais suave o pagamento.

## Exportação

Os proprietarios do Algarve pretendem que lhes seja permitida a livre exportação de figo secco, amendoa e alfarroba, visto constituirem a principal riqueza agricola d'aquella provincia.

## Gonçalves Vianna

Falleceu ultimamente em Lisboa, o sr. Aniceto dos Reis Gonçalves Vianna, chefe dos serviços da alfandega e distincto philologo e poliglota.

Contava 74 annos de idade e era natural de Lisboa.

Pertencia á Academia das Sciencias e foi director da Sociedade de Geographia.

Era uma auctoridade em philologia, deixando algumas obras de merecimento sobre esta sciencia.

Paz á sua alma.

## Taxas postaes

Até nova ordem vigoram as seguintes taxas de conversão de vales postaes internacionaes: franco, 275 reis; marco, 340 reis; corôa, 285 reis; poseta, 280 reis; dollar, 1\$400; esterlino, 35 por 1\$000.

## Agio das libras

Pelos jornaes de Lisboa e Porto a cotação das libras, era de 6\$250 e 6\$350 reis.

## Brito Aranha

Falleceu ha dias na capital este nosso illustre collega e principal redactor do *Diario de Noticias*, o sr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

Foi longa e productiva a sua carreira jornalística e litteraria, trabalhando na imprensa desde 1855 e deixando varias e importantes obras literarias.

Por serviços prestados por occasião da febre amarella, em 1857, foi-lhe concedido o grau de cavaleiro da ordem militar da Torre e Espada, e em 1869, por igual motivo, o municipio de Lisboa conferiu-lhe a medalha de prata (febre amarella e serviços humanitarios).

As letras patrias perderam um dos seus mais illustres cultores.

A' illustre redacção do nosso distincto collega, o *Diario de Noticias*, bem como á familia do extincto enviamos as nossas mais sentidas condolencias.

**Almanach Bertrand**

Já se acha publicado este interessante almanach para o proximo anno de 1915 em edição primorosa sahida das acreditadas livrarias Aillaud & Bertrand, e dirigido pelo distincto e abalisado escriptor publico snr. Fernandes Costa.

O Almanach Bertrand, este anno vem muito melhorado nas suas varias secções e illustrações custa as mesmas quantias de 500 reis em brochura e 600 reis cartonado, sendo a nosso vêr a melhor e a mais selecta e instructiva publicação que, no genero existe em Portugal.

A' casa editora Aillaud & Bertrand muito agradecemos o exemplar que dignou offerter a esta redacção.

Vae annuncio.

Da mesma procedencia e com a mesma penhorante dedicatória recebemos uma brochura volumosa que constitue o ultimo catalogo da sua livraria onde vem innumeradas todas as obras de litteratura, sciencia e arte que nas suas importantes livrarias Aillaud & Bertrand se encontram á disposição do publico mostrando a collossal importancia das acreditadas livrarias.

Agradecemos egualmente este exemplar.

**• A Nação •**

Mais um anno de existencia, o 68, completou no dia 15 do corrente «A Nação», nosso presadissimo confrade da capital, a quem por tal motivo apresentamos as nossas saudações e cumprimentos, fazendo votos os mais ardentemente pelas futuras prosperidades.

**O nosso jornal**

Enviamos hoje a alguns cavalheiros desta villa, e ainda de fora, este semanario, a quem solicitamos o verdadeiro e valioso auxilio da sua assinatura, por cujo obsequio desde já nos confessamos penhorados, ou devolvendo-nos o jornal se tal pediãdo nofor a ceite.

**FÃO, 23.**

A quem competi chama-mos a atenção para o estado em que se encontra um dos candieiros de illuminação publica na Avenida de S. Januario, junto á mercearia do sr. Domingos Morim, que alem do prejuizo material do mesmo quando pender ao solo pode tambem causal-o osculando alguma das muitas pessoas que frequentam aquelle estabelecimento.

—Onde está o direito de liberdade?

Ha dias que compareceu aqui o sr. zelador-mor d'essa Villa, com aquelles ares do imponentia que muito bem lhe ficam, dando ordens terminantes ao seu subordinado d'aqui para que todo o cesto de uvas que se apresentasse no mercado, pagasse a bagatela de dez centavos de imposto, quer tivesse quem o levantasse quer não tivesse, pois que, no dizer de s. ex.<sup>a</sup>, tal genero não podia voltar a casa de seu dono sem o prejuizo de dez centavos. De forma que o desgraçado a quem só offerçam um simples *pataco* pelo cesto das uvas tem que o entregar, puxando ainda de *tres vintens* para junto aquelle pagar o referido imposto!

Isto só instrucções de quem ignora o A B C.

Que as uvas paguem o seu imposto, vá com os diabos, mas quer obrigar o vendedor a entregal-as por todo o dinheiro sem que por essa razão lhe seja permitido reconluzil-as para sua casa é ridiculo.

Se antes porem, se deixasse o publico que já está demasiadamente sobrecurregado com innumeras contribuições e se deitasse, ainda que de relance, um olhar misericordioso para o grosso *capim* que livremente vejeta nas ruas d'esta localidade que embora não sendo parreiras tambem produz centavos, seria bem mais agradavel.

Mas não! O sr. zelador dotado pela natureza de soberbas barbas, com o que nada temos nem tão pouco invejamos, não pode, nem a isso o aconselhamos, applicar os raios luminosos dos seus grandes pharoes senão em linha horisontal, desconhecendo tudo mais que se passa abaixo.

Quem o conhece, sabemol-nos: São os illustres visitantes que quotidianamente aqui passam e os illustres hospedes que todos os annos nos dão a preferencia de junto com suas familias passarem aqui a estação calmosa.

São esses apenas, que melhor do que nós conhecem o que por essas ruas pulula, porque o habito a que já nos acostumamos não nos faz sentir o *chiqueiro* que nos rodeia! Mas para que havemos nós de estar a perder mais tempo e os illustres hospedes e visitantes a lembrar a saudosa memoria d'esses dous mortos queridos que era todo o enlevo de Fão?

Pois acaso não haverá aqui quem nos represente como o ha nas outras terras?

Se o ha, como cremos, é a quem por todos os direitos de dever lhe compete velar pelo nosso asseio e bem estar, e não ao simples zelador aquem ainda não foi conferido o direito de multar a natureza...

—Continua á frente da repartição de fazenda d'este concelho o nosso amigo sr. Francisco Abreu, com quem todo o povo está deveras satisfeito e aquem por tal motivo felicitamos.

—A Empresa Cinematographica no intuito de bem agradar ao respeitavel publico que na ultima sessão acabou de lhe dar a prova cabal de que a desejava manter, acaba de realizar contracto, embora dispendioso, com uma das mais afamadas companhias de variedades, a qual varias vezes tem trabalhado no Coliseu do Porto com o applauso de todos os espectadores e ultimamente no Cine-Royal da Povia de Varzím.

As sessões compostas com fita

extraordinaria de sensação e grande numero de variedades, tem o seu inicio amanhã quinta-feira e domingo, os quaes esperamos sejam coroados de grandes enchentes.

Ao cinema pois, quem desejar ver os grandiosos trabalhos artisticos e de força muscular e dental, e bem assim as duas lindas dançarinas que tomam parte nas sessões.

**Manoel Vianna**

Chegou hontem a esta villa, com sua ex.<sup>ma</sup> esposa e filho, vindo da capital, o nosso bom amigo snr. Manoel José Gonçalves Vianna, onde vem passar algum tempo no seu chalet d'Alem da Ponte.

A sua vinda é sobremaneira agradável a todos os habitantes desta villa onde o nosso amigo gosa de muita estima e consideração.

Seja bemvindo.

**Bibliographia**

Publicações diversas:

—O n.º 112, anno 3.º, do *Seculo Agricola*, propriedade da empreza do *Seculo*, de Lisboa, e cujo custo é apenas de 20 reis semanais por um grande numero de 8 paginas.

Assigna-se nesta villa bem como outras obras desta empreza na *Livraria Espozendense*, de José da Silva Vieira, Rua Direita.

GRAND PRIX - O MAIOR PREMIO DA EXPOSITÃO - LONDRES 1904

Premiado com medalhas de ouro, nas exposições de Lisboa, 1888, Paris, 1889, Balem, 1898, Amara, 1904, Lisboa, 1904, Rio de Janeiro, 1909, etc.

Pedro Franco & C.<sup>a</sup>  
Rua de Belem, 147 - LISBOA

GRAND PRIX LONDRES 1904. O MAIOR PREMIO DA EXPOSITÃO

**Xarope Peitoral James**

Premiado com medalhas de ouro nas exposições de Lisboa 1888, Paris 1889, Balem 1898, Amara 1904, Rio de Janeiro 1909, etc.

Preparado com medicação de ouro nas exposições de Lisboa 1888, Paris 1889, Balem 1898, Amara 1904, Rio de Janeiro 1909, etc.

Deposito Geral: FARMACIA FRANCO, FILHOS  
PEDRO FRANCO & C.  
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA

GRAND PRIX LONDRES 1904. O MAIOR PREMIO DA EXPOSITÃO

**Farinha Peitoral Ferruginosa da Farmacia Franco**

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituinte, do mais reconhecido provelto nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, e ao mesmo tempo um excellente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e pre-  
vigiliado.

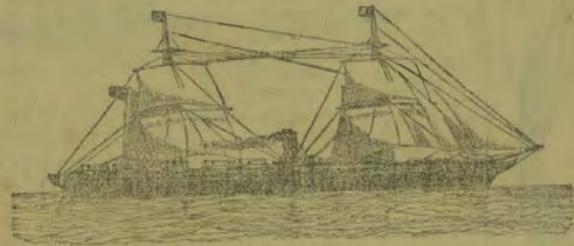
Pedro Franco & C.  
DEPOSITO GERAL  
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA

**COMPANHIA DA MALA REAL**

— DO —

**PACIFICO**

CARREIRA  
QUINZENAL  
DE  
LEIXÕES  
E  
LISBOA



NOVOS E MAGNIFICOS PAQUETES  
DE 15:000, 12:000, 10:000 E 8:500 TONELADAS

com todos os melhoramentos modernos, incluindo

TELEGRAPHIA SEM FIOS

Para: S. VICENTE, LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, MONTEVIDEO, BUENOS-AYRES e VALPARAISO, tocando alternadamente em PERNAMBUCO, BAHIA E SANTOS e para PARIS, LONDRES e LIVERPOOL.

Agentes em LISBOA

Agentes no PORTO

E. PINTO BASTO & C.<sup>a</sup> L.<sup>a</sup>

KENDALL, PINTO BASTO & C.<sup>a</sup>

Caes de Sodré, 61

73—Rua Infante D. Henrique 1.º

SUB-AGENTES em todas as cidades e villas de Portugal

**R. M. S. P.**

**MALA REAL INGLEZA**



**PAQUETSE CORREIOS A SAHIR DE LEIXÕES**

AMAZON em 12 de outubro

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.  
Preço de passagem em 3.ª classe para o Brazil e Rio da Prata 50 esc.

**ESTE PAQUETE SAHE DE LISBOA NO DIA SEGUINTE E MAIS OS PAQUETES**

ANDES em 28 de Setembro

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

Preço de passagem em 3.ª classe para o Brazil e Rio da Prata 50 esc

A bordo ha creados portugueses.

Na agencia do Porto podem os snrs passageiros de 1.ª classe colher os beliches á vista das plantas dos piquetes, mas para isso recomendamos toda a antecipação.

Os paquetes de regresso do Brazil, offerecem todas as commodidades aos snrs. passageiros que se destina a Londres.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal

**TAIT & CO.**

Rua do Infante D. Henrique, — PORTO

Ou aos agentes nas provincias.

# TYPOGRAPHIA E LIVRARIA ESPOZENDENSE

DE

## JOSE DA SILVA VIEIRA

LIVRARIA VEIGA BEIRÃO, 71 A 91

### ESPOZENDE

## O maior depósito de impressos da Província do Minho

A nossa officina montada com todos os mecanismos e typos o que ha de mais moderno na arte de imprimir e a que atualmente fornece de impressos a maioria das repartições publicas, do norte do pais, por preços inferiores a todas as suas mais congengeres, rivalizando na perfeição e qualidades dos papeis que emprega.

N'esta casa encontra-se mais á venda e por preços excessivamente modicos os seguintes objectos:

### Secção de Typographia

N'esta officina executa-se com a maior perfeição e rapidez, segundo os processos mais modernos da arte. Imprimem-se jornaes, livros, programmas para festividades, cartazes com typos grandes e em grande formato, participações de casamento, circulares, memoranduns, facturas para o commercio e particulares em todos os tamanhos e diferentes gostos, envelopes de carta ou brancos timbrados á vontade do freguez, no as de officios, etiquetas para pharmacia, bilhetes de rifa e todos os impressos necessarios ao commercio, industria, repartições publicas, escritvões de direi-juntas de parochia, contrarias e particulares.

**Especialidade** em bilhetes de visita para o que possui um catalogo illustrado com uma vasta e linda colleção de typos em todos os tamanhos nacionaes e estrangeiros. Ha tambem uma grande variedade de cartões brancos em todos os tamanhos e qualidades e um variado sortido em phantazia, pergaminho, linho e muitas outras qualidades onde o freguez pode escolher a sua vontade.

Os preços dos bilhetes com a impressão são relativos ás qualidades do cartão variando entre 300 até 800 reis cada cento.

**Livraria.**—Livros escolares de todos os auctores, escriptas (Cruz e Simões Lopes), papel em todas as qualidades, louzas em todos os tamanhos e preços, tinteiros com tinta preta desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis. aparos, lapis desde 10 reis, tinta a retalho e todos mais objectos adequados nas escolas primarias,

**Material escolar,** fornece-se com execução perfeita, taes como carteiras, secretarias, cadeiras, estojos, louzas grandes, mappas parietaes, espheras, estantes, e mais objectos pertencentes ás escolas, fornecem-se por preços muito inferiores a qualquer outra casa congenger.

Dão-se todos os esclarecimentos e preços.

**Canetas de tinta,** ultima novidade, a 200 240 e 300 reis, a melhor invenção,

**Papel bordado** para cartas amorosas, (grande sortido), envelopes bordados para os mesmos, d'esde 20 a 80 reis.

**Chromos,** ramos, santos, estampas, figuras de passar, cartões de dobrar, chromos de phantazia de abrir, ultima novidade, para diferentes preços.

**TINTA DE MARCAR** roupa, Colla-tudo, lamparinas de pau a 20 reis a caixa, e de porcelana a 40 rs., giz para alfayates, bilhar e escolas, gomarabica, prende papeis, ataches, sabonetes, borrachas para safar tinta e lapis, obréas, lapis pretos de 10 reis para cima, azul, azul e vermelho, lapis de tinta, lapizeiras com lapis e pena desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis a 120 reis.

**ETIQUETAS** em caixas a 60, 80, 90 e 100 reis cada uma.

**POSTAES em côres, bro-meto escuro imitação verdadeira da photographia, o que ha de mais fino e mais moderno, que em toda a parte se vendem a 40 e 50 seis cada um são no nosso estabelecimento a**

**10, 20 E 30 rs.**

cada um.

**Collecções lindissimas em todos os gostos e para todos os preços, havendo n'este ramo um colossal sortido.**

Todos os postaes de 30 reis para cima tem direito a um envelope de seda.

### POSTAES

com vistas de Espozende, Fão, Apulia, e outras freguezias d'este concelho.

Cada 5 postaes 40 reis. E' um reclame.

**TINTA** preta, azul-preta, carmim e mais côres para escrever. Tinteiros de vidro com tinta, redondos e quadrados para o preço de 30, 40 e 50 reis, havendo frascos grandes desdes um 1/4 de litro até 1 litro, a diferentes preços.

**PAPEL** de sêda para flôres em todas as côres, de 1.ª e 2.ª qualidade; papel affixe para illuminação, lindas cores; dito para folhagem em verde, prateado e muitas outras côres com brilho.

**PAPEL** almaço e fino em todos os formatos e para todos os preços; papel fino para cartas em todas as qualidades.

**PAPEL PARA CARTA A 10 REIS**

**PAPEL** de musica proprio para bandas marciaes e par-

ticulares, diversos modelos.

**PAPEL** de chupar tinta, em vermelho, côr de rosa, branco, verde escuro, e outras muitas côres e qualidades.

**LIVROS EM BRANCO** para o commercio, industriaes e particulares, havendo em todos formatos e papeis diversos e preços muito razoaveis.

**SEM RIVAL**

A  
**140,**  
**160,**  
**200** ATÉ **800**

**REIS**

Cada caixa de bom papel com 50 folhas e 50 envelopes.

**BLOCOS** para calendarios.

**AGENDAS** de algibeira para 1913 muito portateis e uteis.

**ALMANACHS** Bertrand, Seculo, e todos os outros publicados para o futuro anno de 1914.

### VISITEM O NOSSO ESTABELECIMENTO

Ha um grande e variado sortido de livros nacionaes e estrangeiros á venda na nossa livraria, avultando grande numero de romances de diversos auctores, obras scientificas, religiosas, politicas etc., que se vendem por preços excessivamente baratos. Ha tambem muitas obras, edições da nossa livraria, tanto litterarias como sobre o Folk-lore portuguez, as quaes constam de catalogo especial e remettemos a quem nos enviar a sua importancia